

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HOMENAGEM A  
IRENE RAMALHO SANTOS

# THE EDGE OF ONE OF MANY CIRCLES

ISABEL CALDEIRA  
GRAÇA CAPINHA  
JACINTA MATOS  
ORGANIZAÇÃO

**“POR AMOR AO POVO, POR AMOR À TERRA”:  
A GEOGRAFIA DO SACRIFÍCIO  
E DO DESAPOSSAMENTO  
NA POESIA DE SIMON J. ORTIZ**

*Fernando Gonçalves*

**Resumo:** A escrita de muitos escritores e poetas índios, homens e mulheres – refiro-me ao contexto dos Estados Unidos da América –, responde a circunstâncias, consequência do colonialismo e do neocolonialismo, cuja origem podemos situar na disputa pela terra, implicando, assim, um conjunto de relações com lugares geograficamente bem definidos. Não é por acaso que os mitos índios da criação descrevem amiúde as origens de lugares específicos, bem como certas particularidades geográficas, enquanto elementos identitários primordiais.

Quinhentos anos de encontros e recontros entre índios e colonizadores, com o exílio forçado por tratados (nunca cumpridos), aquisições, guerras, políticas federais de educação, “removal”, “termination” e “relocation”, não foram suficientes para acabar com a determinação tenaz de certos povos para manterem as suas terras ou a elas regressarem.

O meu ensaio é uma análise da maneira como o poeta e ensaísta Pueblo Acoma Simon J. Ortiz problematiza as relações entre o lugar e a identidade (tribal e individual) e entre o exílio

e a comunidade, vincando que a relação/as relações com o(s) lugar(es) são parte integrante do sentido nativo de *self*.

**Palavras-chave:** terra; resistência; identidade; comunidade; *self*.

**Abstract:** The literary production of many Indian writers and poets – and I’m referring to the particular context of the United States – is a response to circumstances deriving from colonialism and neo-colonialism rooted in contest for land, and thus often involve relationships to geographical places. Five centuries of conflict between Natives and non-Natives have infused Indians’ relationships to land with anguish but also with resistant determination, as Indian people have resisted the shocks of displacement by purchase, treaty, war, federal education policy, “removal,” “termination,” and “relocation,” and have struggled to return to their home places.

In my essay I analyse the way Acoma Pueblo poet, story-teller, essayist and critic Simon J. Ortiz addresses the relationships between place and identity (tribal and individual) and between exile and community, underlining at the same time that the relationship(s) with places are an integral part of the native sense of self.

**Keywords:** land; resistance; identity; community; self.

**Aborigines**, *n.* [I] Persons of little worth found cumbering the soil of a newly discovered country. They soon cease to cumber; they fertilize.

Ambrose Bierce, *The Devil's Dictionary*

A história dos Estados Unidos, nas palavras de Riley Fast, “conspires to make the whole continent a contested space for Native Americans and to make virtually inevitable, for contemporary Indians, an acute awareness of boundaries and divisions. . .” (Fast 4-5). Os termos *border*, *borderland* e *border writing*, particularmente utilizados nas discussões à volta da cultura chicana, podem também servir para uma análise diferenciada da poesia índia contemporânea. Gloria Anzaldúa define *borders* como algo construído “to. . . distinguish *us* from *them*. . . A borderland is a vague and undetermined place created by the emotional residue of an unnatural boundary” (Anzaldúa 3). Logo aqui podemos estabelecer diferenças fundamentais entre as terras fronteiriças (*borderlands*) na cultura chicana e nas culturas nativas. Quando Anzaldúa fala em fronteira (*border*) está essencialmente a referir-se à fronteira entre o México e os Estados Unidos, enquanto para os índios<sup>1</sup> deste último país existem muitas dessas fronteiras políticas. Uma reserva, aliás, dificilmente poderá ser considerada um “lugar vago e indeterminado”, mesmo considerando as constantes mudanças de fronteira que as afetaram ao longo do tempo. Mas também podemos descortinar semelhanças. A ambiva-

---

<sup>1</sup> Uso esta designação generalista para o conjunto das tribos/nações indígenas dos Estados Unidos uma vez que continua a ser o termo preferido pelos respetivos povos, juntamente com *American Indians* ou *Indigenous Nations*. A expressão *Native American* foi cunhada no seio da academia no início dos anos 70, sendo ainda hoje vulgarmente usada nos média (o *New York Times* começou a utilizá-la no início dos anos 90). Esta designação, no entanto, tem sido objeto de contestação por parte das nações indígenas. A poeta, música e activista Joy Harjo di-lo da seguinte forma: “*I don’t use the term ‘Native Americans’. The term is so academic. It is a term born in the university. We don’t call ourselves Native Americans when we are at home. There is no such thing as a Native American. We all belong to tribal nations and call ourselves by those names. Most of us still prefer ‘Indians’ for a generic term. That term has its limitations. I prefer the ‘First Nations’ used by Canadian natives, or indigenous nations...*”. João de Mancelos, “Real Power is in Compassion: An Unpublished Interview with Joy Harjo”. *BAS: British and American Studies* (Universitatii de Vest, Romania) XII (2006): 205-208. ISSN: 1124-3086.

lência e a morte nas terras fronteiriças de que fala Anzaldúa (3-4) estão presentes na afirmação de Renato Rosaldo, válida para muitos autores nativos, segundo a qual “for Chicanos, the border is as much a homeland as an alien environment” (Rosaldo 67). Basta pensar em todos os que foram desenraizados das suas terras ancestrais e transplantados para colégios internos e/ou para as cidades para perceber que também eles se encontravam em ambientes fronteiriços “estranhos”, tanto geográficos como psicológicos. É esta experiência que o poeta Tlingit Robert H. Davis evoca no seu poema “At the Door of the Native Studies Director”: “In this place years ago/they educated old language out of you,/put you in line, in uniform, on your own two feet./They pointed you in the right direction but/still you squint to that other place,/that country hidden within a country” (Davis 330-31). Por outro lado, o desenvolvimento de uma relação entre as pessoas e a terra pode transformar um lugar estranho numa casa. Joy Harjo, em “Oklahoma: The Prairie of Words”, di-lo assim: “It [Oklahoma] is a place which has come to mean home to many tribal peoples” (Harjo 43). Entretanto, para os que permaneceram nas suas terras ancestrais, ou perto delas, o ambiente físico pode não ser “estranho”, mas a terra e o povo foram/são frequentemente sujeitos a tentativas de alienação, muitas delas concretizadas, que acabam por criar efeitos culturais, políticos e psicológicos próprios de espaços fronteiriços. Um exemplo eloquente encontra-se no poema de Simon Ortiz “A New Mexico Place Name”, de que me ocuparei mais adiante.

As fronteiras e os espaços fronteiriços, sejam geográficos ou de outra natureza, são lugares que albergam conflitos. José David Saldívar refere-se à cultura de fronteira do Sudoeste como “a serious contest of codes and representations” (Saldívar 259), definição que acaba por caracterizar muita da poesia nativa contemporânea. Tanto para Anzaldúa como para Rosaldo, assim como para os autores índios contemporâneos, a fronteira e os espaços fronteiriços têm

subjacente mais do que uma realidade geopolítica. Enquanto para Anzaldúa a luta “has always been inner and is played out in the outer terrains” (Anzaldúa 87), identificando assim “the interior self as the central site of border conflict” (Fast 7), para os americanos nativos, do ponto de vista histórico, os conflitos fronteiriços começaram logo com as agressões externas da colonização. O facto de serem continuamente despossados das suas terras e o ataque contra as suas culturas tradicionais acabaram por transformar esse conflito num conflito interno para muitos. Ainda segundo Riley Fast, para os índios contemporâneos, e na poesia nativa contemporânea, “inner and outer struggles have often been simultaneous, with different aspects coming into sharper focus, depending on the context” (Fast 7).

## 2

No artigo introdutório ao volume temático sobre indigeneidade e imigração no Canadá, que ele próprio organiza, depois de se referir às migrações forçadas, quer seja em busca de melhores condições de vida, quer a fugir de locais de conflito, Hartmut Lutz pergunta: “What happens to specific cultures and literatures that emerged in, and are tied to, their distinct geographical settings, that are no longer accessible to be dispersed? What happens to Oral Traditions? What happens to Indigeneity?” (Lutz 9). Se virmos a terra como guardiã das estórias e da História, então o Oeste americano revela-nos como múltiplas camadas de história coexistem no espaço, formando um palimpsesto que pode ser lido por arqueólogos, e que contadores de estórias, historiadores e ficcionistas podem transformar em narrativas cronológicas (Lutz 12). Numa nota de rodapé sobre a questão do tempo histórico incluído no lugar geográfico, Hartmut Lutz remete para um artigo de sua autoria, “Race or Place? The Palimpsest of

Space in Canadian Prairie Fiction from Salverson to Cariou”, publicado em 2004, afirmando:

There, I used Keith Basso’s somewhat modified Bakhtinian term “chronotope” to express a spatially localizing “chronotopical” understanding of history as opposed to an abstractly sequentializing “chronological” one. Whereas the former seems to be shared by Aboriginal cultures – and oral traditions in general, I think – the latter is decidedly European and Cartesian. (Lutz 12)

As línguas e as tradições orais das nações aborígenes norte-americanas encontram-se de tal maneira ligadas à terra que são muitas vezes usadas como prova em tribunal nos casos de litigância pela posse da terra. O centro de todos os conflitos entre as nações índias e a sociedade colonial dominante reside precisamente nas relações que ambos estabelecem com a terra. Os nativos, bem ao contrário dos colonos, criam uma relação com a terra através de estórias. J. Edward Chamberlin conta-nos uma estória eloquente que ilustra bem o que acabo de dizer. Numa reunião entre uma comunidade índia e funcionários governamentais no noroeste da Colúmbia Britânica, os últimos reivindicaram a posse da terra a favor do governo. Os anciãos ficaram atónitos, sem perceberem muito bem o que se estava a passar. Finalmente, um deles deu voz à profunda inquietação dos presentes sob a forma de uma pergunta: “If this is your land, where are your stories?” O ancião começou por falar em Inglês, mas depois mudou para Gitksan, a língua do seu povo, e contou uma estória. Escreve Chamberlin:

All of a sudden everyone understood. . . even though the government foresters didn’t know a word of Gitksan, and neither did some of his Gitksan companions. But what they understood was more important: how stories give meaning and value to the

place we call home; how they bring us close to the world we live in by taking us into a world of words; how they hold us together and at the same time keep us apart. They also understood the importance of the Gitksan language, especially to those who do not speak it. (Chamberlin 1)

No seu artigo “Kwtlakin? What is Your Place?”, Jeannette Armstrong discute a noção de “indigeneidade”, argumentando que a literatura indígena está, de uma maneira ou de outra, intrinsecamente ligada a um lugar. Uma relação de longo prazo com uma paisagem, por exemplo, “in particular ways constructs language and therefore literature” (Armstrong 29). Armstrong vai mais longe ao afirmar que a língua emerge enquanto expressão da terra, “and that ‘indigeneity,’ therefore, generates literatures so deeply enmeshed in nature as to be the ‘metasource’ of the environmental ethic of the people” (Armstrong 31). Na língua Nsyilxcen Okanagan, de que Armstrong é falante nativa e professora, a palavra «kwtlakin» serve para fazer uma pergunta que exemplifica bem a ligação existente entre terra/língua, literatura e identidade. A pergunta “Kwtlakin, What is your place?” é bem diferente de perguntar “onde vives?” ou “de onde é que és?”. Armstrong explica: “the question seeks to “Place” you within the context of the land’s story. Our Syilx answer would not be a specific location but to give the story of the “cultural locations that identifies you. You would tell the story of your place” (Armstrong 31).

### 3

A ideia de que a relação dos humanos com a terra é mais do que mera “afinidade” ou estar “perto da natureza” soa estranha à maioria dos ocidentais. Mas grande parte dos americanos nativos

nasceu no seio de tradições familiares e culturais fundadas a partir desta visão primordial de identidade. Como afirma Robert Nelson, “[w]ithin the context of such traditions, the most fundamental act of spiritual vision that one can experience is the act of seeing oneself as a living part of the living place where one’s life *takes place*” (Nelson 267). O poeta Pueblo Acoma Simon Ortiz vai mais longe ao postular uma relação necessária entre escrita e lugar no contexto da vida índia: “I think for Indian writers to be able to use their talent and their beings to write they have to know some *place*. And to know some place you have to *let yourself*. It’s a choice, then, that you really have to make. . . . *Belonging somewhere is a real affirmation*” (Bruchac 215).

Esta profunda convicção acerca da necessária ligação entre a terra e a identidade humana moldou, e continua a moldar, muita da poesia americana nativa contemporânea. Um bom exemplo desta convicção e do modo como funciona na construção de uma visão é “To Insure Survival”, um breve monólogo dramático da autoria de Simon Ortiz. Um pai dirige-se à filha no momento em que esta nasce, fazendo da estrofe inicial a primeira “estória” que a criança ouve acerca da natureza do mundo em que acaba de entrar. Nestas primeiras palavras, o acontecimento que é o parto da criança é identificado com o acontecimento que é o romper da aurora nas terras altas do Novo México:

You come forth  
The color of a stone cliff  
At dawn,  
Changing colors,  
Blue to red  
To all the colors of the earth. (Ortiz 48)

Nesta estrofe encontramos dois níveis de identificação: a sequência de cores por que passam tanto a terra como a criança, e a *visão* unificadora do nascer do sol que se avizinha e do parto enquanto passagem da vida de um estado mais escuro para outro mais luminoso e multicromático. É importante sublinhar que a identificação da criança com a terra neste texto depende de um ato de visão. Trata-se de um acontecimento que tem de ser *visto* antes de poder ser falado e depois ouvido. Mais adiante no poema, é dito à criança que “In five more days,/they will come,/singing, dancing,/ . . ./the stones with voices,/the plants with bells.” Trata-se de clara alusão às *katsinas*. Na tradição espiritual Acoma, como nas tradições espirituais de outros povos nativos do Sudoeste – em particular dos Hopis –, as *katsinas* são os espíritos da vida que, em ocasiões cerimoniais importantes, se deixam ver na forma e no movimento de dançarinos mascarados. Na tradição Acoma, se um recém-nascido sobrevive aos quatro primeiros dias de vida, então as *katsinas* aparecem ao romper da aurora do quinto dia para dar as boas-vindas a este novo ser humano dentro da sua família alargada. O (re)aparecimento das *katsinas* é uma promessa da continuação da vida para o Povo, da mesma maneira que o aparecimento desta criança “assegura” a sobrevivência física da identidade cultural Acoma por mais uma geração. As palavras do pai podem ser lidas como uma oração, bem como uma promessa de que a criança lá estará dentro de cinco dias para ver e ouvir as *katsinas* dançar e cantar em sua honra. As palavras e a visão nelas codificada ajudam igualmente a assegurar a sobrevivência da mesma maneira que a tradição oral sempre ajudou o Povo, através da articulação de uma visão da identidade humana com a terra e a passagem dessa visão às gerações seguintes.

O que distingue as histórias de criação/origem dos americanos nativos das de outras culturas é o facto de os acontecimentos àquelas associados se situarem em lugar particular e distinto: o nascimento de uma criança, por exemplo, é um acontecimento que pertence à

terra. Apesar de cada ser individual “emergir” do útero de uma mãe biológica, a cultura Acoma entende que cada ser corpóreo alberga espíritos que emergem de outras fontes que não-de habitar aquele corpo ao longo da sua vida, sendo que uma dessas fontes é a terra, o lugar particular onde esse ser nasceu. Assim como a vida dos indivíduos tem origem na terra, o mesmo acontece com a vida do Povo, espírito humano colectivo em devir, cuja origem remonta ao início da criação atravessando o presente. O *lugar*, no entanto, não tem implicações exclusivamente espirituais. A *paisagem* também convoca uma linguagem e uma responsabilidade específicas. Numa entrevista a David Dunaway, Ortiz explica como a paisagem do Sudoeste é fonte de inspiração para a sua escrita:

I think that literature that refers to definite place names in the landscape, certain colors, the browns, and the dryness of the land—which I use: the images of blue skies that wait, like me, for rain to come from the west, and seeing the desert or our homeland transformed when the rain does fall – those kinds of environmental influences bring about inspiration. And more than that, the sense of how we have to live in a relationship with the land. The land is severe in some respects. It’s hot, and it’s pretty cold in the winter, and people faced with these forces can only be wise to respond appropriately, and to utilize those forces of nature. I think this lends a certain kind of linguistic outlook that also has that sense of economy – breathing in only a certain way, a sense of rhythm that evokes not grandiosity as a response, but certainly taking very great care with what you do, with what you have in this sparse, arid land. (Dunaway 17)

Segundo Robin Riley Fast, “[t]he history of Indian people’s integration with ancestral landscapes and the repeated assaults on such relationships contributes to the intensity with which contemporary

Native writers refer to place” (Fast 86). Ao mesmo tempo, parece claro que o significado de *lugar* e as possíveis respostas à questão da terra variam em diferentes contextos. Muitos índios urbanos contemporâneos e comunidades pan-índias não partilham um lugar identitário, ou já esqueceram as suas origens ancestrais, não tendo, por isso, um lugar aonde regressar. Simon Ortiz, ao contrário, e enquanto poeta, identifica-se explicitamente com um lugar ou lugares e as histórias e estórias desse (s) lugar(es). “Like myself, the source of these narratives is my home. Sometimes my father tells them, sometimes my mother, sometimes even the storyteller himself tells them” (Ortiz 168). Neste poema, Ortiz estabelece uma relação profunda entre lugar e linguagem, vincando a importância primordial do lugar na tradição oral dos Pueblo Acoma de que se alimenta a sua poesia. Ortiz afirma claramente esta associação da identidade pessoal com um lugar, partilhada com outros índios, no poema “Some Indians at a Party”, construído com uma série de nomes de lugares em resposta à pergunta “Where you from?” (Ortiz 219-20).

Em “A New Mexico Place Name” e “The State’s Claim”, o lugar é objeto de conflito. “A New Mexico Place Name” (Ortiz 207-9) centra-se em Cochiti City, uma urbanização construída sobre terra sagrada terraplanada dos Pueblo Cochiti, cujos promotores são “salesmen/ from Southern California.” O cerne da questão, diz Ortiz, é “starving or eating”, reconhecendo uma base económica para o conflito doloroso no seio do povo índio. O conflito sobre o que é este “New Mexico Place” e o que deveria ser ecoa nas diferentes repetições da palavra “city” em vários contextos. Ortiz e alguns amigos visitam os trabalhos de construção “armed with a tape recorder and questions”, pedindo para serem recebidos pelo responsável. Aparece-lhes um “smiling, cool, . . . pudgy man”, com um molho de brochuras e impressos que nem todos aceitam. Depois de várias perguntas “which had no chance, realistically, of being answered”, Ortiz e os amigos, à saída da urbanização, deparam com alguns operários índios a abrir

um grande buraco. Sam, um dos amigos do poeta, tira-lhes uma fotografia a que promete dar o irónico título “Indians Building a New Way of Life”. O resultado da renomeação e do “desenvolvimento” é a progressiva redução ao silêncio dos inconformados (“we drank in silence”). Se as narrativas de Ortiz se fundam no que ele chama de “lar”, aqui, inversamente, o silenciamento das vozes nativas deriva da profanação de um lugar sagrado e da relação de um povo com ele.

Em “The State’s claim”<sup>2</sup>, o próprio título estabelece uma clivagem entre o povo Acoma e os representantes da cultura económica dominante, ou seja, o governo dos Estados Unidos e os grandes interesses económicos: “American RAILROADS, ELECTRIC LINES, GAS LINES, HIGHWAYS, PHONE COMPANIES, CABLE TV.” Nas vozes de Ortiz, respetiva família e vizinhos, as secções do poema, nomeadas segundo cada um destes interesses, recontam a história da repetida invocação de direitos de passagem por parte de poderosos interesses externos, deixando implícitas e explícitas todas as consequências para o povo e para a terra. As estórias contadas pelo povo nunca deixam de denunciar a falta de credibilidade do estado, providenciando ao mesmo tempo vozes de resistência falando uma linguagem diferente na essência: directa, concreta, pessoal. Da mesma maneira que em “A New Mexico Place Name”, a profanação da terra e a rutura da relação do povo com a sua terra ancestral implicam uma rutura na linguagem e na comunicação:

The elder people at home do not understand.

.....

The questions from their mouths

And on their faces are unanswerable.

---

<sup>2</sup> Título completo: “The State’s claim that it seeks in no way to deprive Indians of their rightful share of water, but only to define that share, falls on deaf ears” (Ortiz 254-260).

.....

They ask, "The Americans want my land?"

You say, "Yes, my beloved Grandfather."

.....

There is silence because you can't explain

and you don't want to...

.....

You don't want that silence to grow

Deeper and deeper into you

Because that growth inward stunts you,

And that is no way to continue. (Ortiz 259-60)

Na entrevista a David Dunaway citada mais acima, Ortiz não deixa dúvidas ao afirmar que a luta é o denominador comum para os escritores do Sudoeste num território colonizado:

I mean, the Southwest is essentially still a territory, colonized territory, colonial territory, so to speak. And I know that John Nichols with his own work tries to bring this out: the idea that the land here and the lifestyle culturally that has been lived by for centuries and thousands of years must resist the more destructive changes brought by Western expansionism, including even by the railroads, by land developers, by uranium exploitation, by Los Alamos and Sandia National Laboratories and the lack of planning and purely for economic profit, affecting people's long-term lives and cultures. (Dunaway 16-17)<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> De acordo com o relatório final (1979) da "Indian Claims Commission", criada pelo Congresso em 1946, os Estados Unidos não podem invocar qualquer esteio legal para o uso e ocupação de aproximadamente um terço do seu território. Esta comissão admitiu que, depois de mais de trinta anos de investigação exaustiva, não conseguiu descobrir "any treaty, any agreement, nor even a unilateral act of Congress" by which the country could legally assert jurisdiction over about 750 million acres of territory it had long since grown accustomed to claiming as its own 'domestic'

Perante o silêncio resultante da perda de terra e da linguagem do estado, o poeta exorta o seu auditório, em particular o seu auditório nativo, num discurso íntimo de segunda pessoa: “You want to continue”, diz,

And so you tell stories.

You tell stories about your People’s birth  
and their growing.

.....

You tell the stories of their struggles. (Ortiz 260)

Ortiz conta uma dessas estórias na teia de prosa e poesia que é “Our Homeland, A National Sacrifice Area”, em *Fight Back: For the Sake of the People, For the Sake of the Land*:

Aacqumeh hanoh came to their valley from a direction spoken of as the northwest. The place they came to had been prepared for them, and the name, Aacqu, therefore means that: Which Is Prepared. When they arrived in the flat valley sheltered by red and orange cliffs, they knew they had found what had been prepared by their leaders and instructions from earlier generations of the people. (Ortiz 338)

---

property.” Ver Russel Barsh, “Indian Land Claims Policy in the United States,” *North Dakota Law Review* 58 (1982). Para ilustrar aquilo a que Ward Churchill chama “The Political Economy of Radioactive Colonization”, na sua obra *A Little Matter of Genocide. Holocaust and Denial in the Americas: 1492 to the Present* (San Francisco: City Lights Books, 1997, 289), política de colonização radioactiva firmemente enraizada no Sudoeste americano desde o final dos anos 40, recomendo a leitura do texto de Simon Ortiz “Our Homeland, A National Sacrifice Area”, em *Woven Stone*, 337-363. Este último volume reúne três livros anteriores: *Going for the Rain* (1976), *A Good Journey* (1977) e *Fight Back: For the Sake of the People, For the Sake of the Land* (1980). Talvez valha a pena lembrar que Ortiz trabalhou numa fábrica da companhia mineira Kerr-McGee no início dos anos 60.

A história do nascimento, do crescimento e das lutas do povo é uma história da terra, da relação com ela e dos esforços para preservar essa relação; as estórias deste lugar, lembra Ortiz ao seu auditório, são fundamentais para a luta e para a sobrevivência. “You tell that kind of history,/and you pray and be humble. / With strength, it will continue that way” (Ortiz 260).

“A New Mexico Place Name”, “The State’s Claim” e “That’s the Place Indians Talk About” centram-se em conflitos assentes em disputas pela terra, literalmente, não estando apenas em causa a sua propriedade ou o seu uso, mas sobretudo o seu significado. Como estes poemas deixam implícito, e outros explícito, para Ortiz e para os povos tradicionais, a terra, o lugar deles, é um parente, um parceiro de uma relação de responsabilidade e reciprocidade. Para os promotores imobiliários, para as empresas e para a Marinha, a terra é uma mercadoria como outra qualquer. As evocações que Ortiz faz da terra, as suas orações a lugares sagrados, as suas respostas à história e à paisagem Acoma, estão em sintonia com o conhecimento do seu povo segundo o qual a respectiva história e identidade se fundam no seu espaço ancestral. É este conhecimento que torna possível a sobrevivência e faz com que a luta não seja apenas necessária, mas também compensadora. Mesmo acimentados, como em “Washyuma Motor Hotel” (Ortiz 97-98), os espíritos dos antepassados sobrevivem na terra, contam estórias e anedotas, “and laugh and laugh.” Este conhecimento transmite confiança à voz de Ortiz, pois ele sabe que, apesar de nomes como Church Rock e Laguna,

. . . for sure those are Indian lands  
and the People who live there  
are Indian People.  
Hanoh stu tah ah.  
We are Hanoh. People. Hanoh. People. (Ortiz 330)

## Obras citadas

- Anzaldúa, Gloria. *Borderlands / La Frontera*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987. Print.
- Armstrong, Jeannette. "Kwtlakín? What is Your Place?" Ed. Hartmut Lutz. *What is Your Place? Indigeneity and Immigration in Canada*. Beiträge zur Kanadistik, Band 14, Wissner-Verlag, 2007, 29-33. Print.
- Barsh, Russel, "Indian Land Claims Policy in the United States," *North Dakota Law Review* 58 (1982): 1-82. Print.
- Bruchac, Joseph. *Survival This Way: Interviews with American Indian Poets*. Tucson: University of Arizona Press, 1987. Print.
- Camberlin, J. Edward. *If This Is Your Land, Where Are Your Stories?: Finding Common Ground*. Vintage Canada, 2004. Print.
- Churchill, Ward. *A Little Matter of Genocide. Holocaust and Denial in the Americas: 1492 to the Present*. San Francisco: City Lights Books, 1997. Print.
- Davis, Robert H. "At the Door of the Native Studies Director". Ed. Duane Niatum. *Harper's Anthology of 20<sup>th</sup> Century Native American Poetry*. San Francisco: HarperSanFrancisco, 1988, 330-31. Print.
- Dunaway, David. "An Interview with Simon Ortiz July 14, 1988". *Studies in American Indian Literatures* 16.4 (2004): 12-19. Print.
- Fast, Robin Riley. *The Heart as a Drum: Continuance and Resistance in American Indian Poetry*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1999. Print.
- Harjo, Joy. "Oklahoma: A Prairie of Words". Ed. Geary Hobson. *The Remembered Earth: An Anthology of Contemporary Native American Literature*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1980, 43-45. Print.
- Lutz, Hartmut. "Race or Place? The Palimpsest of Space in Canadian Prairie Fiction from Salverson to Cariou." *Textual Studies in Canada* 17. The Canadian Studies Issue (Summer 2004): 171-85. Print.
- Lutz, Hartmut. "'To Know Where Home Is': An Introduction to Indigeneity and Immigration". Ed. Hartmut Lutz. *What is Your Place? Indigeneity and Immigration in Canada*. Beiträge zur Kanadistik, Band 14, Wissner-Verlag, 2007, 9-28. Print.
- Mancelos, João de. "Real Power is in Compassion: An Unpublished Interview with Joy Harjo". *BAS: British and American Studies* (Universitatii de Vest, Romania) XII (2006): 205-208. ISSN: 1124-3086. Print.
- Nelson, Robert. "Place, Vision, and Identity in Native American Literatures". Ed. Dane Morrison. *American Indian Studies: An Interdisciplinary Approach to Contemporary Issues*. New York: Peter Lang, 1997, 261-79. Print.
- Ortiz, Simon J. *Woven Stone*. Tucson: The University of Arizona Press, 1992. Print.
- Rosaldo, Renato. "Politics, Patriarchs, and Laughter." *Cultural Critique* 6 (1987): 65-86. Print.
- Saldívar, José David. "The Limits of Cultural Studies." *American Literary History* 2 (1990): 251-66. Print.